

**A SEMANA – 218\***

2 de agosto de 1896

Avizinham-se os tempos. Este século, principiado com Paulo e Virgínia, termina com Alfredo e Laura.<sup>1</sup> Não é já o amor ingênuo de Port-Louis, mas um *idílio trágico*, como lhe chamou a *Gazeta* de anteontem, sem dúvida para empregar o título do último romance de Bourget.<sup>2</sup> Em verdade, esse adolescente de quatorze anos, que procurou a morte por não poder vencer os desdêns da vizinha de treze anos, faz temer a geração que aí vem inaugurar o século XX. Que os dois se amassem vá.

Tem-se visto dessas aprendizagens temporãs, ensaios para voos mais altos. Que ela não gostasse dele, também é possível. Nem todas elas gostam logo dos primeiros olhos que as procuram; em tais casos, eles devem ir bater à porta de outro coração, que se abre ou não abre, e tudo é passar o tempo à espera do amor definitivo. Mas aquela aurora de sangue, aquela tentativa de fazer estourar a vida, na idade em que tudo manda guardá-la e fazê-la crescer, eis aí um problema obscuro, – ou demasiado claro, pois tudo

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 214, p. 1, 2 ago. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 239-244). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> *Paulo e Virgínia* (1787): obra romântica de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814). A obra narra a história de dois jovens que, tendo sido criados juntos na ilha Maurício, cuja capital é Port-Louis – região afastada da civilização, no oceano Índico. Virgínia, na adolescência, é levada para a Europa por uma tia, para receber a educação das moças da sociedade francesa. Paulo sofre com sua ausência. Virgínia tenta retornar a Port-Louis, mas o navio naufraga ao se aproximar da ilha; Paulo assiste da praia ao naufrágio; ela morre. Ele morre depois, pela perda definitiva de sua amada. A história de Alfredo e Laura, por sua vez, é real. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 212, p. 2, col. 6, 31 jul. 1896) publicou matéria a respeito do caso sob o título “Idílio Trágico”. Alfredo, de cor parda, quatorze anos, empregado de uma fábrica de móveis, teria tentado se matar com um tiro no ouvido na frente da casa de Laura; ela também era parda, tinha treze anos, e trabalhava em casa de família. A notícia narra assim a tentativa de suicídio: “Ontem, às 11 horas da manhã, [o jovem] declarou na casa em que era empregado, que se achava doente, e por essa razão se retirava para sua residência. Aí chegando, foi a uma estante e, tirando um revólver, encaminhou-se para a casa de sua adorada Laura. Por longo tempo, segundo nos informam, levou a passear alegremente pela frente da casa onde ela mora, até que às 3 horas da tarde conseguiu falar-lhe e disse-lhe que, visto não ser correspondido em seus amores, ia dar cabo da vida. Laura pouca importância ligou às palavras de Alfredo e retirou-se. Imediatamente Alfredo tirou do bolso a arma e, encostando o cano em um dos ouvidos, fez fogo, indo a bala alojar-se no crânio: caiu banhado em sangue na calçada.”

<sup>2</sup> Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935) era poeta, romancista e crítico literário francês. Em 1896 publicou o romance *Une idylle tragique*.

se reduz a um madrugar de paixões violentas.<sup>3</sup> E o amor de Alfredo era ainda mais temporão do que parece; vinha desde meses, muito antes dos quatorze anos, quando ela teria pouco mais de doze.

Repito, os tempos se avizinham. Agora o amor precoce; vai chegar o amor livre, se é verdade o que me anunciou, há dias, um espírito. O amor livre não é precisamente o que supões, – um amor a *carnet* e lápis, como nos bailes se marcam as valsas e quadrilhas, até acabar no cotilhão.<sup>4</sup> Esse será o amor libérrimo: durará três compassos. O amor livre acompanha os estados da alma; pode durar cinco anos, pode não passar de seis meses, três semanas ou duas. Aos valsistas plena liberdade. O divórcio, que o senado fez cair agora, será remédio desnecessário.<sup>5</sup> Nem divórcio nem consórcio.

Mas a maior prova de que os tempos se avizinham é a que me deu o espírito de que trato. Estamos na véspera da felicidade humana. Vai acabar o dinheiro. À primeira vista, parece absurdo que a ausência do dinheiro traga a prosperidade da terra; mas, ouvida a explicação (que eu nunca li os livros desta escola)<sup>6</sup> compreende-se logo; o dinheiro acaba por ser inútil. Tudo se fará troca por troca; os alfaiates darão as calças de graça e receberão de graça os sapatos e os chapéus. O resto da vida e do mundo irá pelo mesmo processo. O dinheiro fica abolido. A própria ideia do dinheiro perecerá em duas gerações.

Assim que, o *mal financeiro e seu remédio*, tema de tantas cogitações e palestras,<sup>7</sup> acabará por si mesmo, não ficando remédio nem mal. Não haverá finanças;<sup>8</sup> naturalmente, não haverá tesouro, nem impostos, nem alfândegas secas ou molhadas. Extinguem-se os desfalques. Este último efeito diminui os inquéritos, – falo dos

<sup>3</sup> Do início da crônica até este ponto, a margem esquerda da primeira coluna (da crônica e do jornal) apresenta partes das palavras ilegíveis. Nessas passagens, adotamos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>4</sup> cotilhão: “dança de muitos pares, entremeadas de várias músicas e distribuição de brindes, pela qual se usava terminar um baile.” (FRANCO, 2007, p. 218)

<sup>5</sup> Na década de 1890, a câmara dos deputados e o senado discutiam a regulamentação do casamento, do divórcio e dos direitos dos cônjuges. Em 1896, o deputado Érico Coelho apresentou na câmara projeto de lei sobre o divórcio; naquela casa, o projeto foi recusado. No senado, Coelho Rodrigues pautara simultaneamente boa parte do projeto, argumentando que um casamento infeliz prejudicaria não apenas os casais, mas causaria problemas a toda a sociedade. O projeto era polêmico, porque trazia pela primeira vez a possibilidade de dissolução total do vínculo matrimonial, garantindo o direito a novo casamento. (Cf. BRITO, 2018, p. 98) A *Gazeta de Notícias* de 26 de julho de 1896 (ano XXII, n. 207, p. 1, col. 7) publicou uma matéria intitulada “O DIVÓRCIO”, em que se lê: “Caiu ontem no senado o projeto que regulava o casamento civil e propunha o divórcio em dois casos: no adultério provado e na tentativa de morte. / O Sr. Coelho Rodrigues, atendendo mesmo à ansiedade com que era esperada a hora da votação, concluiu as suas razões em defesa do projeto, encerrando-se em seguida a discussão.”

<sup>6</sup> escola] escola), – em SEM1953.

<sup>7</sup> O senador Leite e Oiticica publicou uma série de artigos intitulados “O mal financeiro e o seu remédio” na *Revista Brasileira* (ano II, t. VI, p. 204-214, p. 310-323, p. 371-382, abr.-jun. 1896). O sr. Ângelo do Amaral publicou no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 187, p. 1, 5 jul. 1896) matéria de mesmo título, que motivou réplica do senador Leite e Oiticica, no mesmo jornal (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 191, p. 1, 9 jul. 1896). O cronista mencionou essa polêmica em “A Semana – 215” (12 jul. 1896).

<sup>8</sup> finanças;] finanças, – em SEM1953.

inquéritos rigorosos, nem conheço outros.<sup>9</sup> A virtude, ainda obrigada, é sublime. Os desfalques andam tão a rodo que a gente de ânimo frouxo já inquire de si mesma se isto de levar dinheiro das gavetas do Estado ou do patrão é verdadeiramente delito ou reivindicação necessária. Tudo vai do modo de considerar o dinheiro público ou alheio. Se se entender que é deveras público e não alheio, mete-se no bolso a moral, a lei e o dinheiro, e brilha-se por algumas semanas. É sabido que dinheiro de desfalque nunca chega a comprar um pão para a velhice. Vai-se em folgares, e a pessoa que se dê por muito feliz, se não perde o emprego.

Acabado o dinheiro, os anglo-americanos não assistirão à luta do ouro e da prata, como esta que se trava agora, para eleger o candidato à presidência da República.<sup>10</sup> Nunca amei o espírito prático daquela nação. Partidos que se podiam distinguir sonoramente, por meio de teorias bonitas, e, em falta delas, por algumas daquelas palavras grandes e doces, que entram pela alma do eleitor e a embebedam, preferem escrever umas plataformas de negociantes. Dou de barato<sup>11</sup> que não haja teorias nem palavras, mas simples pedidos de rua, distribuição de cartões pelo correio, um ou outro recrutamento para não fazer da Constituição uma peça rígida, mas flexível, alguma ameaça e o resto; tudo isso é melhor que discutir ouro e prata em casarões, diante de centenas de delegados, e votar por um ou outro desses metais. E qual vencerá em dezembro próximo? Parece-me que o ouro, se é certo o que dizem os *ouristas*; mas afirmando os *pratistas* que é a prata;<sup>12</sup> melhor é esperar as eleições. Ouro ou prata há de ser difícil que o rei Dólar abdique, como quer o espiritismo. Uma folha, em que tem gravada a apoteose de McKinley,<sup>13</sup> candidato do partido republicano, anuncia um casamento que se deve ter efetuado a 7 do mês passado. A noiva conta vinte anos e possui quatro milhões de dólares. Não é muito em terra onde os milhões chovem; mas esta qualidade parece ser tão principal que duas vezes o noticiarista fala nela. “*Miss Uobarts, a despeito dos seus quatro milhões de dólares...*” E mais abaixo: “*Os bens da noiva são calculados em quatro milhões de dólares.*”<sup>14</sup> Como é que numa região destas se há de abolir<sup>15</sup> o dinheiro e restringir o casamento a uma troca de calças e vestidos?

<sup>9</sup> Em “A Semana – 155” (19 maio 1895), o cronista diz, a respeito da expressão “rigoroso inquérito”, que “este substantivo só se liga àquele adjetivo, nos casos meramente policiais.” (Ver *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021.)

<sup>10</sup> Em 1896, a “discussão sobre o padrão monetário, ouro ou bimetalismo [ouro e prata], se torna o tema central da campanha presidencial dos EUA, que opôs William McKinley [1843-1901] pelo Partido Republicano, defensor do padrão-ouro, a William Jennings Bryan [1860-1925], candidato pelos partidos Democrata e Populista, que defendia o bimetalismo.” (FRANCO, 2007, p. 216) McKinley foi eleito presidente – sua vitória é assunto de “A Semana – 232”, de 8 de novembro de 1896.

<sup>11</sup> dar de barato: “admitir sem discussão, considerar verdade o que alguém afirma.” (NASCENTES, 1966, p. 30)

<sup>12</sup> prata;] prata, – em SEM1953.

<sup>13</sup> McKinley] MacKinley – em GN; Mac-Kinley – em SEM1953.

<sup>14</sup> *Uobarts*: John Gledson (in ASSIS, 2013, p. 270-271) afirma que esse nome não existe em inglês; ele propõe alternativas para o nome da moça, e, no texto da crônica, grafou *Hobart*. Nós também não conseguimos identificar a herdeira rica que o cronista menciona.

<sup>15</sup> se há de abolir] há de abolir – em GN. Adotamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

Pelo lado psicológico e poético, perderemos muito com a abolição do dinheiro. Ninguém entenderá, daqui a meio século, o bom conselho de Iago a Roderigo, quando lhe diz e torna a dizer, três e quatro vezes, que meta dinheiro na bolsa.<sup>16</sup> Desde então, já antes, e até agora é com ele que se alcançam grandes e pequenas coisas, públicas e secretas. Mete dinheiro na bolsa, – ou no bolso, diremos hoje, e anda, vai para diante, firme, confiança na alma, ainda que tenhas feito algum negócio escuro. Não há escuridão quando ainda há<sup>17</sup> fósforos. Mete dinheiro no bolso. Vende-te bem,<sup>18</sup> não compres mal os outros, corrompe e sê corrompido, mas não te esqueças do dinheiro, que é com que se compram os melões. Mete dinheiro no bolso.

Os conselhos de Iago, note-se bem, serviriam antes ao adolescente Alfredo, que tentou morrer por Laura. Também Roderigo queria matar-se por Desdêmona, que o não ama e desposou Otelo; não era com revólver, que ainda não havia, mas por um mergulho na água. O honesto Iago é que lhe tira a ideia da cabeça e promete ajudá-lo a vencer, uma vez que meta dinheiro na bolsa. Assim podemos falar ao jovem Alfredo. Não te mates, namorado; mete dinheiro no bolso, e caminha. A vida é larga e há muitas flores na estrada. Pode ser até que essa mesma flor em botão, agora esquiva, quando vier a desabrochar, peça um lugar na tua botoeira, lado do coração. *Make money*. E depressa, depressa, antes que o dinheiro acabe como quer o espiritismo, a não ser que o espírita Torterolli<sup>19</sup> acabe primeiro que ele, o que é quase certo.



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 214, p. 1, 02 ago. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14653](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14653)>.

---

<sup>16</sup> meta dinheiro na bolsa.] meta o dinheiro na bolsa. – em SEM1953. Citação de *Otelo*, ato I, cena III. (SHAKESPEARE, 2018)

<sup>17</sup> quando ainda há] quando há – em SEM1953.

<sup>18</sup> bem,] bom, – em GN. Acatamos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>19</sup> Afonso Angeli Torterolli (1849-1928), espírita e divulgador do espiritismo no Brasil.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BRITO, M. L. A. O casamento republicano na crônica de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, v. 11, n. 23, 2018, p. 93-106.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

SHAKESPEARE, William. *Othello*. New York: Maynard, Merrill, & Co., 1891.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o mouro de Veneza*. Tradução e introdução de Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.